



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

**EDITAL 07/2025  
PROCESSO SELETIVO PARA INGRESSO NO CURSO DE  
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

**CHAVE DE RESPOSTA - PROVA ESCRITA**

**PARTE 1 - QUESTÃO OBRIGATÓRIA**

Para bem responder essa questão, a/o candidata/o precisará:

(i) apresentar os objetivos da análise linguística segundo uma das escolas teóricas da Linguística discutidas em Martelotta (2008) e demonstrar compreensão de que o objeto de estudo da linguagem é construído teoricamente, explicitando, de modo coerente com a campanha publicitária, quais são os propósitos analíticos da escola escolhida. Por exemplo:

1. Estruturalismo: descrever a organização e o funcionamento dos elementos constituintes do sistema da língua;
2. Gerativismo: explicar a competência linguística inata e as regras universais que geram as sentenças;
3. Sociolinguística: analisar a variação linguística em relação a fatores sociais e contextuais;
4. Funcionalismo: compreender o funcionamento da língua em seu uso comunicativo;
5. Linguística Cognitiva: investigar a relação entre linguagem, cognição e construção de significados;
6. Linguística Textual: analisar os mecanismos de coesão, coerência e textualidade na produção de sentidos.

(ii) indicar os métodos e/ou tipos de dados característicos da escola teórica escolhida:

Explicar, de forma compatível com os objetivos apresentados, quais procedimentos e materiais são empregados nas análises. Por exemplo:

1. Estruturalismo: a estrutura da língua deve ser descrita apenas a partir de suas relações internas;
2. Gerativismo: uso de dados de introspecção e julgamentos de gramaticalidade, com base nas regras que geram as sentenças.
3. Sociolinguística: coleta de fala espontânea e entrevistas sociolinguísticas;
4. Funcionalismo: análise de enunciados autênticos em contextos reais de uso;
5. Linguística Cognitiva: identificação de padrões de uso e metáforas conceituais;
6. Linguística Textual: exame de textos concretos, considerando as relações textuais em seus variados matizes e interseções.

(iii) articular objetivos e métodos de forma coerente e relacioná-los à interpretação da campanha publicitária proposta (com a indicação das categorias de análise da escola teórica escolhida).

## **PARTE 2**

### **QUESTÃO 1:**

Para bem responder essa questão, a/o candidata/o precisará:

(i) discutir as diferenças existentes entre a abordagem da gramática prescritiva e a da gramática descritiva do PB: a gramática prescritiva (ou normativa) focaliza a língua como um modelo ou padrão ideal de comportamento em qualquer situação de fala ou escrita; as noções de certo e errado dizem respeito às regras que uma pessoa deve conhecer para falar e escrever corretamente uma língua (a língua prestigiada socialmente – língua padrão). Já a gramática descritiva do PB busca conhecer o sistema da língua, levando em conta que a realização das unidades no enunciado está sujeita à variação de uso, que deve ser examinada em suas correlações com fatores linguísticos e extralinguísticos.

(ii) citar as diferentes formas de representação do objeto direto anafórico no PB (pronome clítico, pronome lexical, objeto nulo e sintagma nominal) e mostrar que a forma considerada correta pela tradição normativa (pronome clítico – exemplo (1)) não é a única utilizada pelos falantes do PB e que há, portanto, variação linguística no que diz respeito às escolhas pronominais no PB.

(iii) apresentar os resultados de estudos sobre a frequência de uso das diferentes formas de representação do objeto direto anafórico de terceira pessoa no PB, enfatizando o fato de esses estudos demonstrarem que o clítico acusativo (exemplo (1)) está caindo em desuso e, enquanto isso, as demais formas, principalmente o objeto nulo (exemplo (3)), mostram-se de maior preferência pelos falantes do PB.

(iv) discutir o fato de o clítico acusativo estar deixando de ser usado pelos falantes do PB, independentemente do nível de escolaridade, e que o pronome lexical em função de objeto direto (exemplo (2)) já faz parte do vernáculo brasileiro.

## **QUESTÃO 2:**

Para bem responder a questão, o/a candidato/a precisará:

(i) observar que, no trecho analisado, há um processo discursivo de generalização dos referentes, no qual a expressão “certos setores da imprensa” funciona como um grupo não especificado, porém apresentado como homogêneo e suspeito. Essa vaga indeterminação não é neutra: trata-se de uma estratégia de desresponsabilização enunciativa, pois critica-se uma categoria profissional sem assumir o ônus de nomear sujeitos, veículos ou situações específicas que possam ser verificadas ou contestadas.

(ii) considerar, de acordo com Nascimento (2024), que essa forma de uso da linguagem tem implicações éticas e políticas, pois o discurso pode preservar ou ferir a dignidade de grupos e sujeitos. Ao lançar uma acusação sem comprovação, o deputado contribui para um ambiente de deslegitimação da imprensa, o que pode fragilizar a pluralidade democrática e a circulação de informações.

(iii) perceber, na perspectiva da abordagem sócio-cognitiva apresentada por Endrich e Tomazi (2024), que tal enunciado mobiliza modelos cognitivos compartilhados — crenças e atitudes já presentes em segmentos da sociedade sobre a suposta manipulação midiática. Essa ativação cognitiva é reforçada pela lógica algorítmica das redes sociais, em que seguidores não apenas replicam, mas intensificam a acusação, contribuindo para a naturalização de uma visão negativa sobre jornalistas em geral.

(iv) identificar, seguindo Marlow (2024), que há uma estratégia de referenciação coletiva vaga (“setores da imprensa”, “jornalistas em geral”) que opera uma desfocalização de sujeitos e facilita a atribuição de responsabilidades difusas. Essa operação discursiva não apenas constrói um antagonista genérico, como também produz um “nós” e “eles”, reforçando identidades grupais e polarização discursiva.

## **QUESTÃO 3**

Para bem responder a questão, o/a candidato/a precisará:

(i) demonstrar, antes de tudo, compreensão nítida da oposição entre “sistema linguístico” e “uso da linguagem” tal como evocada por Fiorin. Isso implicaria mencionar que, embora a descrição de fonemas, sentidos lexicais e regras

combinatórias seja fundamental, ela não esgota a explicação de fatos que só se tornam inteligíveis quando inseridos em práticas sociais concretas;

(ii) relacionar essa limitação do enfoque estrutural aos três estudos de 2024. No caso de Tonelli, seria esperado apontar que o simples conhecimento formal de línguas não explica o caráter de direito humano atribuído ao acesso linguístico na infância, pois esse direito se materializa em práticas pedagógicas situadas e mediadas por valores sociais. Para Ceccon e Perobelli, deveria ficar claro que a função do riso como modulador de discordância e mantenedor de afiliação só pode ser entendida quando se considera sua corporificação, sua temporalidade interacional e os objetivos conversacionais dos participantes, dimensões ausentes de uma análise meramente sistêmica. Quanto a Burgarelli e Witchs, seria preciso evidenciar que a discussão sobre tradução e interpretação de Libras e de outras línguas minorizadas ultrapassa as regras de codificação entre sistemas linguísticos e envolve decisões políticas, institucionais e culturais que garantem – ou negam – a participação plena de comunidades minoritárias;

(iii) explicitar por que o sistema, isoladamente, não basta, mostrando como cada fragmento ilumina o deslocamento do foco estrutural para a perspectiva pragmático-social da linguagem: o uso da língua como instrumento de agência (Vygotsky), como recurso multimodal de negociação de sentidos (riso) e como prática inseparável de políticas públicas de inclusão (tradução institucional).